



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 21 – Ano XI – 05/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

‘Onto-dom-logia’ bergsoniana dual e dinâmica do amor e do respeito: o fechado e o aberto

Edenilson Roberto Pinto

Graduado em filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – MG.
Licenciado e Mestre em Teologia pelo Studium Notre-Dame de Vie – França. Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Guarulhos-SP.

<http://lattes.cnpq.br/5356976776638888>

E-mail: eden.pinto@yahoo.fr

Resumo: Neste artigo, desenvolvemos a tese de que em Bergson, a filosofia do ser – onto - deve ser elaborada a partir da tensão dinâmica entre os dualismos do fechado e do aberto nas relações humanas face à alteridade, à doação e oblação de si. Onto-dom-logia bergsoniana, pressupomos, manifesta-se, por conseguinte, como projeto de uma metafísica do ser visando fundamentar o sentido da existência humana pelo ato de doar-se gratuitamente e sem interesse ao outro, na perspectiva do amor agápico, amor “doação”, como nos sugere Henri Bergson, no quarto capítulo de sua última obra intitulada “As Duas Fontes da Moral e da Religião”.

Palavras-Chaves: Amor, Respeito, Ontologia, Dualismos, Fechado, Aberto, Filosofia, Metafísica, Mística.

Introdução

“La Création lui apparaîtra comme une entreprise de Dieu pour créer des créatures, pour s'adjoindre des êtres dignes de son amour.... D'un être vivant tel que l'homme, capable d'aimer et de se faire aimer... Dans ces conditions, rien n'empêche le philosophe de pousser jusqu'au bout l'idée, que le mysticisme lui suggère, d'un univers qui ne serait que l'aspect visible et tangible de l'amour et du besoin d'aimer...”¹.

Henri Bergson adverte no último capítulo de “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, intitulado “Mecânica e Mística”, que a percepção de que a Criação é um fluxo incessante de amor não pode ser apreendida pelo raciocínio lógico e laboratorial. Isso requer uma intuição refinada da própria inteligência humana em pensar, como possibilidade ou probabilidade metafísica, uma ontologia que, desde já, denominamos de supra intelectual, capaz de ultrapassar a noção mecânica da vida em geral, particularmente a vida psíquica.

A mística, segundo Bergson, poderia ser uma ferramenta a mais, um outro modo de conhecimento que abarcaria hipoteticamente, segundo a expressão de Bergson, “percepções anormais”², isto é, percepções mais amplas e integrativas que as evidências meramente físicas da vida psíquica. Tais percepções dariam conta de “certa relação entre o organismo e a consciência, entre o corpo e o espírito... essa relação é puramente hipotética, que ela não é demonstrada pela ciência, mas exigida por certa metafísica”³.

Segundo Anthony Feneuil, Henri Bergson sugere a mística na filosofia como um método filosófico conceitual e logicamente organizado⁴. Compreender e assimilar tal empreitada audaciosa no pensamento de Henri Bergson não implicará somente de expor a teoria bergsoniana da religião e da mística, mas, acima de tudo, de examinar a maneira cuja uma tal introdução da mística em filosofia sacode em profundidade os conceitos filosóficos clássicos, já estabelecidos na comunidade acadêmica em geral. E não apenas se tratará, grosso modo, em ressignificar os conceitos filosóficos, como postulamos nesta

¹ BERGSON, H. Les Deux Sources de la Morale et de la Religion. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms, p. 270-271.

² BERGSON, H. As Duas Fontes da Moral e da Religião. Zahar Editores. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, 1978, p. 261

³ Ibid.

⁴ FENEUIL, A. Bergson. Mystique et philosophie. Presses Universitaires de France, 1^o édition : 2011, janvier. Philosophies. Collection fondée par Françoise Balibar, Jean-Pierre Lefebvre, Pierre Macherey et Yves Vargas.

pesquisa em vista do doutorado, mas sustentar uma ‘onto-dom-logia’ bergsoniana, na perspectiva do amor e do respeito pela humanidade, modificará a nossa própria visão em filosofar o verdadeiro ‘sentido’ do conhecimento filosófico.

O filosofar bergsoniano deve ser apreendido pela ótica de uma experiência empírica metafísica de abertura do espírito, ou seja, da inteligência humana alargada, expandida e integrativa com outros modos e métodos de apreensão do real. Todavia, a ‘onto-dom-logia’ bergsoniana não se revela de imediato nas primeiras obras de Henri Bergson. A metafísica empirista proposta pelo filósofo, bem como a nomenclatura de ‘onto-dom-logia’, que atribuímos à filosofia existencial de Bergson, designando o amor e o respeito como fundamentos constitutivos das relações humanas, abertas e dinâmicas à alteridade, devem ser apreendidas progressivamente – um processo conceitual - na totalidade do pensamento bergsoniano.

Em relação à ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito, veremos, ao perpassarmos as grandes obras de Bergson, que seu cume é, sem dúvida alguma, a última obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião”. Nas obras anteriores a “As Duas Fontes da Mora e da Religião”, o amor e o respeito pela humanidade revelam-se como processos evolutivos, com continuidades e rupturas, não somente de grau, mas de natureza, acerca dos próprios conceitos de amor e de respeito impregnados pelo senso comum. Entretanto, é importante anteciparmos que, em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, última obra do filósofo, a aplicação de toda a metafísica bergsoniana nos fornecerá elementos conceituais para elaborarmos uma onto-dom-logia do amor e do respeito.

Nesse sentido, o estudo da última obra impõe a incursão por suas obras anteriores. Desse modo, relendo os escritos filosóficos de Henri Bergson sob a perspectiva do amor e do respeito, tal como desenvolvidas em sua última obra, analisaremos, a priori, esses dois sentimentos (amor/respeito), procurando relacioná-los com o todo do seu pensamento⁵. Será nosso intuito evidenciar as teorias subjacentes, relativas a esses

⁵ WATERLOT, G. « L’ellipse : une difficulté majeure du troisième chapitre des Deux Sources de la morale et de la religion ». Lire Bergson, Presses Universitaires de France, 2011, p. 187.

valores, como elipses legítimas⁶, ajudando-nos a tecer uma lógica sobre os conceitos que aqui nos movem em harmonia com o “conjunto” da obra.⁷

Olhar panorâmico sobre o conjunto do pensamento bergsoniano

Ter um olhar panorâmico de conjunto das obras de Henri Bergson, permite-nos considerar lícito entrever algo da reflexão bergsoniana sobre essas noções já no “Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência”, de 1889, - ainda que elas não sejam nesse momento explicitamente problematizadas. A reflexão sobre os graus psicológicos na avaliação bergsoniana da duração interna pode fornecer subsídios para tanto. O filósofo explorará nessa primeira obra a possibilidade de vivenciarmos a multiplicidade e a unidade dos “estados” de consciência, como sendo dados imediatos e reveladores da “vida interior”.

O erro da psicologia de seu tempo, segundo Bergson, fora o de não perceber que os estados psicológicos são “progressos dinâmicos”. Eles têm vida através de nossas vidas, a partir de nossa concretude existencial. O equívoco da psicofísica, muitas vezes, fora de visar os “estados psicológicos” como sendo “coisas exteriores” a nós, isto é, à totalidade antropológica da pessoa⁸. Para Henri Bergson, a consciência humana é “invenção”, em vias de formação contínua, influenciada também pelo mundo exterior: determinismos físicos, históricos, culturais, linguísticos, etc.

Os fatores externos contribuem, sem dúvida, para a formação da personalidade do sujeito. E, por tal razão, o filósofo adverte acerca do constante perigo do ser humano permanecer exterior a ela mesma. Trata-se do risco de tornar-se um simples espectador da sua própria vida, em vez de ser o protagonista. Daí que o “retorno a si mesmo” seria uma garantia consciente de “tomada de consciência de si” e de um autoconhecimento

⁶ « L’ellipse illégitime serait celle qui compromet l’établissement d’une démonstration en la rendant vague ou floue, en lui donnant des contours incertains à cause du raccourci ou du sous-entendu concernant des éléments indispensables. Une telle espèce d’ellipse peut poser des problèmes dirimants à une philosophie, quelle qu’elle soit. En revanche, dans le cadre d’une démonstration philosophique, on peut procéder à l’ellipse d’éléments de connaissance relatifs à ce que l’on veut montrer, sans pour autant compromettre le résultat, c’est-à-dire la conduite à bonne fin d’une certaine démonstration ». Ibid. p. 186.

⁷ Conferir artigo : « Le mysticisme, un auxiliaire puissant de la recherche philosophique » ? Ghislain Waterlot. Dans l’ouvrage : Bergson et la religion. Nouvelles perspectives sur Les deux sources de la morale et de la religion, p. 249-276.

⁸ Essai sur les données immédiates de la conscience. Presses Universitaires de France, 43^e Ed. Paris, 1944, p. 147.

mais apurado. Entretanto, tal método de retorno a si mesmo é um processo psicológico árduo e raro. Exige um esforço pessoal e “auto analítico”⁹. Esse processo metódico e psicológico de “retorno a si mesmo”, como demonstra Bergson em “Os dados imediatos da consciência”, é um método que, embora analítico, visa ultrapassar os limites de uma racionalidade que se orienta por uma lógica espacializada, de modo a distinguir os elementos de continuidade e ruptura, de elementos quantitativos e qualitativos das realidades exteriores.

Os fatores exteriores, como o clima, a alimentação, a geografia, a cultura, a linguagem, sem dúvida alguma, influenciam a personalidade humana na sua relação e comunicação com o real. Na maioria das vezes, os seres humanos são absorvidos inconscientemente por esses elementos exteriores. Daí a dificuldade, muitas vezes, de uma análise crítica capaz de discernir e de distinguir o que de fato é natural – nato - ou imposto – determinismo- em nossa vida psíquica. Se somos de fato livres ou robotizados em nossas ações e em nossas emoções. O “retorno a si mesmo” garantirá uma possibilidade de redescoberta da vida interior, da autonomia de si e do exercício da liberdade individual face às influências e determinismos dos elementos e fatores externos à consciência. A vida interior, a consciência de si, a apropriação de si, entretanto, não é uma proeza que muitos cultivam. São raras as pessoas que se aventuram e conseguem se aventurar nessa façanha laboriosa da subjetividade humana.

Por isso, no que concerne ao nosso propósito mais visceral, veremos que a vida interior que os grandes místicos experimentam, e que os abre para o mundo de uma forma inteiramente diversa daquela característica do homem comum, como nos dá a ver “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, nos proporcionará os caminhos para encontrarmos os fundamentos epistemológicos e hermenêuticos à ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito pela humanidade. ‘Onto-dom-logia’ vem configurar, pois, um conceito antropológico integral, permitindo ressignificar a vida e ultrapassar os desafios e as tensões próprias da obrigação social¹⁰.

Na perspectiva bergsoniana, a obrigação moral do amor e do respeito pela humanidade não será apenas um fator cultural imposto. A capacidade de amar e de respeitar todo o gênero humano constitui, aos olhos de Bergson, um estatuto

⁹ Ibid. p. 174.

¹⁰ Ibid. p. 96.

naturalmente biológico e antropológico em que o ser humano, diferente dos outros seres no Planeta, poderá, com esforço e superação, chegar a essa finalidade última “da necessidade de amar e de ser amado” não apenas de maneira fechada, reduzida, mas construtivamente – construção, criação - aberta, alargada e universalmente pleiteada já por alguns. Esses alguns, essas raras personalidades são os grandes místicos, as almas abertas.

Da primeira obra de Henri Bergson “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” à última obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião” perceberemos que a investigação acerca de uma possível ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito implicará também um acompanhamento da perspectiva dinâmica de evolução, contida no interior do pensamento bergsoniano. Noutros termos, o movimento de processos transformadores, no que refere-se ao amor e ao respeito, expostos nessa investigação, exigirá um percurso que vai do plano psicológico do Eu, tal como concebido no “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, ao metafísico do Eu, tal como radicalmente alcançado em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”.

Nessa última obra¹¹, Bergson confronta-nos com uma reflexão sobre vida social e a ordem moral que a ela se vincula. Mas as obras e textos intermediários não poderão ser negligenciados, uma vez que sua argumentação se fundamenta nas teses alcançadas em seus livros anteriores, tais como: “A Evolução Criadora”; “Energia Espiritual”, na Conferência sobre “A consciência e a Vida”¹²; no “Pensamento e Movente”. Nesse conjunto das obras bergsonianas, sustentaremos a seguinte hipótese: do “Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência” à “Matéria e memória” até “A Evolução Criadora”, o “Eu profundo” está aberto ao movimento da vida em geral podendo ultrapassar os limites meramente biológicos e físicos¹³ da sobrevivência. Já em “A Evolução Criadora” percebemos uma filosofia da vida, cuja tentativa é de conceber o processo biológico do universo marcado, influenciado, transpassado e penetrado por uma “força” espiritual, capaz de conciliar a inteligência e a intuição. Estas duas faculdades da alma, da psique humana se encontram respectivamente na base da ciência e da mística. A inteligência e a

¹¹ Nas Duas Fontes utilizaremos o método objetivo, isto é, método que evidencia outras fontes, dados não apenas da consciência, mas dados sociais e marais que nos lançam aos testemunhos dos místicos na sociedade humana.

¹² Conférence Huxley, faite à l’Université de Birmingham le 29 mai 1911.

¹³ BERGSON par V. JANKÉLÉVITCH. Les Grands Philosophes, p.183.

intuição, ambas somadas, podem nos oferecer uma outra percepção da “durée”, da duração, da existência¹⁴ humana.

Bergson igualmente nos fala de um élan vital e livre, criador, que está presente tanto na realidade da matéria como no espírito humano, o qual, mobilizado por esse impulso, logrará o salto da inteligência à intuição, processo crucial para a experiência alargada do amor e do respeito. Ou seja, o “Eu profundo” capaz de intuir o élan vital de toda a matéria poderá também superar a noção inerte, determinista e estática que muitas vezes cultivamos da matéria bruta¹⁵. Vemos, pois, que a compreensão do amor e do respeito tal como concebidos por Bergson, em seu último livro, exigirá uma reflexão acerca da intuição filosófica e da natureza do élan vital,¹⁶ tal como fundamentados na obra do filósofo, particularmente em seu terceiro livro “A Evolução Criadora” e em textos adjacentes.

Para além disso, acompanhar o pensamento do autor na transição entre o terceiro e o quarto livro – A Evolução Criadora e As Duas Fontes da Moral e da Religião - nos permitirá vislumbrar que o “Eu profundo” (mencionado anteriormente em nossa alusão ao Ensaio sobre os dados imediatos da consciência) torna-se capaz de tocar, não apenas o movimento criador da vida, mas de ter contato e de coincidir com a vida em geral. Esse contato com o élan vital dá-se através de um outro modo de experiência obtida pelo fluxo da mística.

Segundo Bergson não é pela psicologia, nem pela filosofia e tão pouco pela tecnologia (mecânica) que o ser humano se torna capaz de superação e de transformação de sua conduta moral. Mas sim por meio da inebriante operação pelo fluxo do misticismo. Fluxo espiritual que move a conduta mística, o qual não se diferencia daquele que constitui o princípio mesmo da vida e que encontra no homem a abertura para sua continuidade¹⁷. O “Eu profundo” dos grandes místicos torna-se capaz, segundo “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, de amar e de respeitar “através de Deus e em Deus”¹⁸ toda a humanidade.

¹⁴ Henri Bergson. L'évolution créatrice. QUADRIGE/PUF, 10 éditions, 2003, p. 342.

¹⁵ BERGSON par V. JANKÉLÉVITCH. Les Grands Philosophes, p. 254.

¹⁶ Henri Bergson. La pensée et le mouvant. Le choc Bergson. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms, p. 95.

¹⁷ BERGSON, H. Les deux sources de la morale et de la religion. Le choc bergsonien. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms, p.52.

¹⁸ « ... Car c'est seulement à travers Dieu, en Dieu, que la religion convie l'homme à aimer le genre humain ». Ibid. p.28.

No decorrer de nossa pesquisa doutoral se fará necessário uma incursão na obra “A Evolução Criadora”, a fim de extrairmos o amplo significado de élan vital e criador, já existente na composição material do universo, bem como nas almas humanas. No que refere-se ao amor e ao respeito, em seu último livro “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, o sentimento de respeito deve ser concebido segundo a “ordem da razão”¹⁹ e o sentimento de amor na “ordem da mística”.

A ruptura de naturezas e a diferença de graus entre o amor e o respeito fundamentam-se pelo viés das correntes, nomenclaturas do próprio Bergson, de corrente intelectual e corrente mística. A continuidade e a ruptura dessas correntes na ética bergsoniana remetem a um dinamismo que se exprime, segundo o filósofo do “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, por meio dos atos livres. Já nas “As Duas Fontes da Moral e da Religião” tal ruptura acontecerá na dinâmica entre pressão e aspiração das “morais fechadas e abertas”.

Como antes mencionado, na primeira obra, o amor e o respeito podem ser concebidos enquanto “fato” psicológico, à medida que tais sentimentos estão intimamente ligados aos “atos livres”²⁰. A nossa hipótese consiste justamente em supor que os místicos antecipam o que Bergson já assinalava em sua primeira obra no “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, sobre a “força” (potencialidade) do “motivo” (motivação) que a vida interior é capaz de “ressignificar” as atitudes humanas²¹.

Em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, argumenta Henri Bergson que os místicos são livres e motivados a amar para além dos interesses e da lógica da conservação da espécie humana. As almas abertas, as personalidades raras não são coagidas e constrangidas, mas impulsionadas pelo princípio de vida que nelas não se detém. Assim, motivação e liberdade são potencializadas pelo viés da mística. Viés que mobiliza e promove as dimensões mais intensas da subjetividade, isto é, o “Eu profundo”, para ficarmos na terminologia do “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”.

¹⁹ « ... C'est seulement à travers la Raison, dans la Raison par où nous communions tous, que les philosophes nous font regarder l'humanité pour nous montrer l'éminente dignité de la personne humaine, le droit de tous au respect ». Ibid. p. 232.

²⁰ Esta perspectiva não aparece claramente no Ensaio, mas sua percepção é em filigranas. A noção que tentaremos sustentar sobre o amor e o respeito ligados aos atos livres manifestará claramente nas Duas Fontes da Moral e da Religião.

²¹ BERGSON, H. Essai sur les données immédiates de la conscience. 1^o Ed. Critique. Paris, PUF, 2011, p. 128.

A vida interior, contudo, já é um dos temas que a primeira obra de Henri Bergson, “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, aparece. Porém, a vida interior é apreendida na perspectiva psicológica, sempre em ocorrência ao dualismo do Eu bergsoniano.

Os dualismos do ‘Eu fundamental’

Os dois “Eus” - o Eu superficial e o Eu profundo - são desenvolvidos por Bergson no objetivo de distinção conceitual. Isto é, o Eu superficial que espacializa, que está relacionado com a simultaneidade, com o homogêneo, com a ciência, mas também com a linguagem e com a vida social. E um outro ‘Eu’, denominado de Eu profundo que vive a duração. Ou melhor, o Eu profundo é a própria duração se desenrolando em forma de estados de consciência.

Assim, temos conceitualmente dois “Eus”. O Eu profundo, o Eu metódico em contraposição ao Eu superficial, ao Eu pontual, ao Eu fragmentado e submerso nas atitudes automatizadas da vida cotidiana. Geralmente o Eu superficial se sobrepõe ao Eu profundo. O Eu superficial age sem muita reflexão, isto é, quase sempre ausente da introspecção e da autocrítica. É o Eu da vida hodierna, das atividades corriqueiras, dos hábitos repetidos e robotizados em que a maioria das vezes nos identificamos. É o Eu da sobrevivência social, o Eu das obrigações morais – direitos e deveres - e das relações superficiais. Um Eu voltado para a inércia da vida ordinária, caracterizando-se como um Eu distante das extraordinárias ocasiões de liberdade e das decisões angustiantes e reflexivas. Angústia e reflexão são algozes de uma vida em qualidade e intensidade interior, subjetiva refinada e autoanalítica.

No terceiro capítulo do “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, intitulado “Da organização dos estados da consciência, a liberdade” Henri Bergson acentua essa distinção do Eu superficial e do Eu profundo quando toma por problema a questão filosófica da liberdade humana. Bergson percebe um ‘Eu’ que não é livre e um ‘Eu’ que é potencialmente livre. O Eu superficial vive na robotização dos atos, da repetição dos hábitos. O Eu profundo, raramente livre, o é enquanto agindo, sem qualquer intervenção do Eu superficial, mas, de todo modo, se utilizando dele, num equilíbrio necessário para a vida do Eu total ou do Eu fundamental.

Trata-se desde o início para Bergson, de uma complementação saudável e necessária, não de um favorecimento de qualquer parte do Eu em detrimento da outra. O relevante, portanto, para uma psicologia apurada é de estabelecer, de delimitar os lugares adequados de cada Eu, tanto no tocante à ação do sujeito, quanto no tocante à análise do psicólogo e do filósofo. Feito essa remarca, Bergson, na sua primeira obra, não dará uma nova definição de liberdade, pois, ele mesmo percebe que a linguagem psicológica é incapaz de exprimir o movimento psíquico em sua pureza de ação livre.

Eis a crítica bergsoniana à psicologia de seu tempo, em particular, à psicofísica. Todavia, no que se refere à liberdade, Henri Bergson dirá o que não é de fato liberdade, ou, um ato puramente livre. E a compreensão do ato livre, da liberdade humana é redimensionada ao indivíduo, à liberdade individual, no intuito de que a vivamos para, então, bem compreendermos o que vem a ser propriamente a liberdade e a ação livre. O ato livre, o exercício pleno da liberdade surge quando a decisão de escolha é oriunda da alma, da personalidade, da interioridade e da subjetividade mais profunda e original do sujeito.

A liberdade psicológica refere-se à capacidade do indivíduo que decide por si mesmo. A decisão pessoal é a característica nítida, em psicologia, do exercício do Eu fundamental : “C’est de l’âme entière, en effet, que la décision libre émane ; et l’acte sera d’autant plus libre que la série dynamique à laquelle il se rattache tendra davantage à s’identifier avec le moi fondamental”²². Henri Bergson também constata que o exercício da liberdade individual e a retomada consciente do Eu profundo, no dia a dia, é um ato raro, excepcional e que “os atos livres são raros, mesmo da parte dos que têm o costume de se observarem e de refletirem sobre o que fazem”²³. Isto porque devemos viver constantemente em função de nossas obrigações e deveres morais, das exigências sociais que nos são impostas pelas institucionalizações das relações humanas em sociedade.

Por essa razão, os dualismos bergsonianos do Eu superficial e do Eu profundo estendem-se também na dinâmica do fechado e do aberto, tanto na esfera individual – psicológica-, quanto social - sociológica. A tensão e a pressão da obrigação moral do amor e do respeito pairam tanto no indivíduo quanto no grupo social. O dualismo do

²² BERGSON, H. Essai sur les données immédiates de la conscience. 1º Ed. Critique. Paris, PUF, 2011, p. 125-126.

²³ Ibid. p. 126. Tradução livre.

fechado e do aberto inscreve-se tanto no sujeito individualizado, quanto no sujeito coletivizado. Sujeito coletivizado no seu aspecto de impessoalidade no agir, no decidir e no refletir. Sujeito coletivizado, ou, na expressão de Bergson, o Eu social é absorvido pelas estruturas sociais, caracterizando a sua pertença e a sua presença numérica ou estatística na sociedade.

Dito isto, resta-nos refletir como uma ‘onto-dom-logia’ bergsoniana do amor e do respeito pela humanidade, revela-se também como um ato livre do sujeito, não apenas adestramento da consciência, e como tal ato livre que emana da alma do sujeito livre articula-se com a obrigação moral em seu todo. Obrigação moral cuja natureza é biológica e, igualmente, socialmente imposta pela sociedade ao indivíduo. Tanto biológica quanto social, a moral bergsoniana do amor e do respeito deverá ser apreendida e compreendida no seu registro dual, isto é, a partir do fechado e do aberto.

A questão dual ou dualista da obrigação moral do amor e do respeito delineia-se como fundamental em nossa pesquisa. Pois, partimos da premissa que uma ‘onto-dom-logia’ bergsoniana também se inscreverá na dinâmica dualista do fechado e do aberto. Já que a obediência está na base da moral do respeito e igualmente da moral do amor. Amor e respeito individual e socialmente pensado filosoficamente. Do fechado ao aberto, esta dinâmica se faz presente tanto no indivíduo quanto no social. Do psicológico ao sociológico, resta-nos indagar como Henri Bergson lida com a paradoxal relação entre obrigação moral e a liberdade, no interior e no conjunto de seu pensamento filosófico.

Como o dever da obrigação moral social do amor e do respeito e o exercício da liberdade individual conjectura-se e se estrutura progressivamente numa consistente ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito. ‘Onto-dom-logia’ enquadrando-se conceitual e concretamente – práxis - na dinâmica dos dualismos bergsonianos entre o fechado e o aberto, entre o estático e o dinâmico, do natural ao supra natural, de uma moral puramente intelectual a uma moral metafísica. Diga-se de passagem, a novidade do pensamento bergsoniano sobre o amor e o respeito constitui, no fato empírico e não apenas ideológico, dessa abertura da alma humana. Alma capaz de transcender tantos os determinismos biológicos e sociológicos cujo bojo da própria moral e da obrigação em amar e respeitar todos os seres humanos delineia-se com a nossa nomenclatura de ‘onto-dom-logia’.

Isto posto, consideramos que para elaborarmos filosoficamente uma “onto-dom-logia” bergsoniana sobre o Amor e o Respeito pela humanidade, no conjunto das obras de Henri Bergson, faz-se necessário um confronto entre os dualismos ‘fechado/aberto’, com o objetivo de explicitar, conceitualmente, em que medida há continuidade e descontinuidade, alargamento ou ruptura desses termos no interior do pensamento bergsoniano. No âmbito da primeira obra de Bergson “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” e a última “As Duas Fontes da Moral e da Religião” os dualismos entre fechado e aberto estão sempre presentes e mudarão progressivamente de natureza e de grau, no interior do pensamento de Henri Bergson. Eis porque a filosofia bergsoniana é dinâmica por natureza. E a natureza filosófica do pensamento de Henri Bergson só poderá ser apreendida nesta perspectiva dualista, tão conceitual e articuladamente propagadas em suas obras. Vejamos.

Os dualismos bergsonianos: fontes de uma ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito?

Os dualismos bergsonianos do fechado e do aberto, estático e dinâmico, individual e social, físico e metafísico, ‘Eu superficial’ e ‘Eu profundo’, sociedade infra e sociedade supra e outros dualismos revelam-se crucial para fundamentar os conceitos que temos aqui em mira, em particular, o conceito de ‘onto-dom-logia’ bergsoniana das relações humanas que podem ressignificar intuitiva e intelectualmente a obrigação moral do amor e do respeito pela humanidade.

Este confronto de perspectivas conceituais, tanto no interior do pensamento bergsoniano, quanto às outras correntes filosóficas do Ocidente, vem ao encontro de uma exigência especulativa, pois, segundo Frédéric Worms, a grande reivindicação da filosofia de Bergson é a necessidade permanente de confrontar pensamentos diversos na filosofia em geral, para se chegar a um possível esclarecimento noético das palavras e dos conceitos visando abordar o real, a existência com largueza – amplitude – reflexiva e maior probabilidade científica:

“Ce que Bergson a toujours critiqué, c’est la prétention à expliquer une pensée singulière à partir d’influences extérieures recomposées. Mais ce qu’il a toujours revendiqué, c’est la possibilité et même la nécessité pour une pensée philosophique de se confronter non pas d’ailleurs à un seul mais à plusieurs régimes d’extériorité, au point de trouver dans l’éclairage qu’elle y apporte une épreuve de sa propre vérité »²⁴.

O conceito bergsoniano do real, segundo Frédéric Worms, deve ser entendido segundo os dualismos bergsonianos. Se temos em mente os últimos dos seus dualismos, é na dinâmica do ‘fechado’ e do ‘aberto’ das relações antropológicas que a humanidade se percebe como parte de um todo planetário: “L’expérience de la clôture et de l’ouverture ne se fait pas seulement dans le passage du groupe fermé à l’humanité tout entière, mais aussi dans chaque relation entre les hommes et à tous les niveaux, de la relation vitale individuelle à la relation globale à l’échelle de la planète”²⁵.

Os dualismos bergsonianos registram uma ontologia específica, pois, Henri Bergson criticará a tradição filosófica moderna proveniente do pensamento cartesiano. Essa tradição exclui por completo a possibilidade de pensar o ser ou o real na perspectiva metafísica. A metafísica empirista, para Bergson, é a capacidade de reflexão alargada e dialógica com outros saberes científicos, superando a visão exclusivamente determinista e casual dos fenômenos da vida, da consciência, da matéria, da subjetividade, da sociabilidade e da moralidade humana.

Nesse sentido os dualismos bergsonianos são igualmente uma crítica à concepção dualista cartesiana. O dualismo cartesiano ou dualismo psicofísico se pauta na dicotomia entre corpo e consciência. Grosso modo, para Descartes o ser humano é um ser duplo, composto de uma substância pensante e uma substância extensa. O corpo, a corporeidade da vida humana é uma realidade física e fisiológica. E, como tal, possui massa, extensão no espaço e movimento. O corpo humano é substância extensa e, por essa razão, a corporeidade humana é sempre sujeita às leis deterministas da natureza física e biológica.

A realidade mental ou psíquica, na compreensão cartesiana é a substância pensante. Diferente do corpo, substância extensa, os fenômenos mentais não têm

²⁴ WORMS, Frédéric. Lire Bergson : un apprentissage, p. 12.

²⁵ WORMS, Frédéric. « Le clos et l’ouvert dans Les Deux Sources de la morale et de la religion : une distinction qui change tout ». Bergson et la religion. Nouvelles perspectives sur Les Deux Sources de la morale et de la religion, p. 63.

extensão nem localização no espaço. Porém, toda a atividade mental de recordação, memória, raciocínio, conhecimento, vontade seriam atividades provenientes do sistema nervoso. O cérebro humano é apreendido no seu aspecto puramente material, neuronal e, por essa razão, também submetido às leis físicas, igualmente como o resto do corpo humano preso à necessidade de alimentação, digestão, etc. O dualismo cartesiano nega, por assim dizer, a autonomia e a existência da alma humana.

Aqui o conceito cartesiano de pessoa se difere, como veremos adiante, e se distancia radicalmente da compreensão bergsoniana. Para Henri Bergson, o cérebro humano, com toda a sua complexidade neuronal, é um instrumento da alma. No pensamento cartesiano a expressão “pessoa cartesiana” é usada para caracterizar uma pessoa inflexível, que pensa e age sempre da mesma forma. Em Bergson, a pessoa, pela consciência, é imprevisibilidade, criação e duração contínua de si. Na primeira obra de Bergson no “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” o filósofo faz a afirmação de duas realidades distintas, porém coextensiva à vida humana. Afirma a realidade da matéria e do espírito como distintos em essência, mas relacionados na existência.

Todavia, a noção de distinção de natureza entre corpo e espírito e a íntima relação orgânica entre corpo e espírito se articulará na obra “Matéria e Memória”, cujo subtítulo é justamente “O ensaio sobre a relação do corpo com o espírito”. E, para Bergson, o propósito dessa obra é de superar os impasses do dualismo da filosofia moderna. No prefácio à sétima edição de “Matéria e Memória” nos deparamos com esta afirmação: “Este livro afirma a realidade do espírito, a realidade da matéria, e tenta determinar a relação entre um e outro”²⁶.

Dito isso, o dualismo bergsoniano é metafísico e não científico. Seu fundamento é ontológico e não biológico e psicofísico. Os dualismos bergsonianos revelam-se, segundo Débora Morato, como:

“Um diálogo crítico com a tradição moderna. A proposta de reconstrução da metafísica em novos termos exige a passagem pela colocação tradicional dos principais problemas filosóficos, em especial o dualismo moderno, cuja origem é cartesiana. Para diluir as antíteses do pensamento conceitual, a filosofia bergsoniana estabelece um procedimento dualista, a dissociação analítica da experiência determinando seus

²⁶ BERGSON, H. Oeuvres. Édition du Centenaire. Paris: PUF, 1959, p. 160.

domínios distintos em natureza. Somente a noção de duração permite a reconciliação entre tais elementos, pensados então como ritmos do tempo”²⁷.

Segundo Débora Morato²⁸ o dualismo cartesiano é a origem dos principais problemas filosóficos da modernidade, já que o dualismo cartesiano é pautado na dicotomia e nas antíteses entre matéria e espírito, mente e corpo, fisiológico e psíquico. E os dualismos de Bergson manifestam uma tentativa ou proposta de reconstrução da metafísica, fundamentada na experiência e nos fatos fenomenológicos acerca da vida em geral. Todavia a fenomenologia bergsoniana é, segundo Débora Morato, uma passagem para se estabelecer uma crítica aos dualismos modernos que, provenientes do pensamento cartesiano, divorciam a relação íntima entre corpo e consciência, psíquico e fisiológico.

O objetivo nesta pesquisa doutoral é entrever uma ontologia bergsoniana que supere as vertentes opositoras do materialismo e idealismo, em especial da psicologia na época de Bergson. Ainda, segundo Débora:

“ A passagem pela fenomenologia tem apenas o intuito de apontar um movimento que se explica na filosofia bergsoniana mesmo que determinando outras consequências... realizar um estudo da consciência ou da subjetividade que escape aos preconceitos herdados da tradição filosófica e que podem ser unificados pelo pressuposto dualista; em outros termos, a tentativa de pensar na relação entre sujeito e objeto, ideia e coisa, representação e mundo, psíquico e fisiológico, alma e corpo, interioridade e exterioridade, enfim, espírito e matéria, sem cair nas armadilhas do dualismo, sem torná-lo como ponto de partida, resolvendo enfim o seu impasse”²⁹.

Devemos compreender então os dualismos bergsonianos em seus termos puramente conceituais e não dualistas, tal como encontramos primeiramente nas escolas platônicas e posteriormente nas correntes cartesianas de pensamento. Evitando assim a oposição histórica e conceitual que fizeram as escolas realistas e idealistas. Estas escolas estabeleceram uma maneira oposicionista de apreender o real, o movimento da vida em geral. Essa oposição histórica, tanto platônica, quanto cartesiana, divorciou a verdadeira metafísica da epistemologia filosófica. Eis a crítica de Henri Bergson às ciências

²⁷ PINTO, D.C.M. (2004). Bergson e os dualismos. Trans/Form/Ação, São Paulo, 27(1); 79-91.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid. p. 82.

empiristas, de vertentes positivistas e deterministas, predominantes na época de Bergson, em especial à psicofísica e a sociologia moral.

Fenomenologia e Ontologia em Bergson: uma metafísica empirista?

A proposta de Bergson, em elaborar uma nova metafísica empirista, integrando os fenômenos e suas respectivas causas não é, de forma alguma, similar a metafísica platônica ou cartesiana. Essas metafísicas são dualistas por natureza. Elas criaram uma falsa oposição entre alma e corpo, espírito e matéria. E essa falsa oposição epistemológica, para Henri Bergson, é na realidade um falso problema que se expressa no dualismo epistemológico moderno, supervalorizando uma das facetas do real. Tanto o materialismo, quanto o determinismo, ambas escolas supervalorizam a dimensão física, material, espacial e temporal dos objetos. Evidenciando as leis de causa e efeito somente dessa realidade, diga-se de passagem, apreendida somente a partir de seu fenômeno palpável, visível, mensurável, quantitativo desencadeado no tempo e no espaço.

A crítica de Bergson ao tempo e ao espaço científico funda-se na compreensão de que o espaço é apenas compreendido como uma ordem de coexistências e o tempo uma ordem de sucessões, como preconizou Leibniz. Essa noção científica de tempo e espaço, segundo Bergson, é reducionista, pois, o espaço é meramente um componente da existência material e o tempo a sequência das transformações da matéria. Para Henri Bergson o tempo dos filósofos e cientistas é um tempo fictício, um esquema espacial que oculta a natureza do tempo real, o qual não pode ser separado dos acontecimentos físicos e psicológicos.

Para Bergson, o tempo real não é o tempo matemático, mas sim o psicológico. E a intuição desse tempo psicológico, denominado por Bergson pela nomenclatura de duração – *durée* - é o centro de toda a doutrina filosófica de Bergson. Essa intuição exige um novo paradigma, um novo método, nos dizeres de Bergson, de pensar o tempo como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação da psique. Afirma Henri Bergson, na carta em resposta a Harald Høffding, no ano de 1915:

“A mon avis, tout résumé de mes vues les déformera dans leur ensemble et les exposera, par là même, à une foule d’objections, s’il ne se place pas de prime abord et s’il ne revient pas sans cesse à ce que je considère comme le centre de la doctrine : l’intuition de la durée. La représentation

d'une multiplicité de 'pénétration réciproque', toute différente de la multiplicité numérique – la représentation d'une durée hétérogène, qualitative, créatrice – est le point d'où je suis parti et où je suis constamment revenu. Elle demande à l'esprit un très grand effort, la rupture de beaucoup de cadres, quelque chose comme une nouvelle méthode de penser... »³⁰

Este novo método de pensar o tempo da psique, distinto em natureza da realidade física e matemática, é pautado pelo conceito bergsoniano de duração. O tempo não quantitativo e mensurável, mas o tempo qualitativo e intenso da alma humana. O tempo simplesmente vivido e percebido pela consciência. Assim, Bergson ressalta:

“Voltamos, pois, sempre ao mesmo ponto: há só um Tempo real e os outros fictícios. Que é em efeito um Tempo real senão um Tempo vivido ou que poderia o ser? Que é um Tempo irreal, auxiliar, fictício, senão aquele que não poderia ser vivido efetivamente por nada nem por ninguém?”³¹.

Novo método para se pensar a psique: crítica de Bergson às ciências de seu tempo

O novo método bergsoniano de pensar o tempo da duração da consciência, igualmente se revela não somente oposta às vertentes deterministas e positivistas, mas, concomitantemente, como uma crítica às escolas idealistas e espiritualistas no tempo de Henri Bergson. Pois, os idealistas ou espiritualistas, opostamente, focaram demasiadamente no aspecto imaterial, espiritual e virtual do ser. Esta vertente idealista não foi perspicaz em averiguar a possibilidade empírica e a fenomenologia temporal do devir. O devir é confundido com o ser apreendido no tempo e espaço. Tanto os materialistas, quanto os idealistas não se deram conta da duração, da *durée*. Essas duas vertentes não perceberam que o ocorrer do tempo é uno e interpenetrado. Os momentos temporais somados uns aos outros formam um todo indivisível.

No tocante à vida humana, ao universo psíquico, contrariamente à realidade extensiva da matéria, isto é, do mundo material e ao tempo físico, analisado pelas ciências empíricas, o tempo e o ritmo desse tempo da consciência não podem ser, como já aludimos anteriormente, calculados, mensurados e analisados matematicamente. Isso nos implica a afirmar que a vida humana não é estática. A vida humana é puro

³⁰ BERGSON, H. *Mélanges*. Presses Universitaires de France, 1972. Bergson a Harald Höffding. Année 1915, p. 1148.

³¹ BERGSON, H. *Mélanges*. Presses Universitaires de France, 1972. Chapitre IV: De la pluralité des Temps, p. 130.

movimento, pois, passamos de um estado ao outro permanentemente. A vida psicológica é luta. Uma luta não externa, isto é, entre as pessoas e coisas e o Eu somente. Mas uma luta interna movida pela trincheira da consciência e o universo das emoções, sensações e sentimentos. Essa luta interna é o todo indivisível do tempo da consciência. Consciência perpassada pela dinâmica do fechado e do aberto dos estados psicológicos vividos pelo Eu fundamental.

Assim, a compreensão do todo indivisível do tempo da consciência faz dos dualismos bergsonianos, na realidade, uma tentativa de superação histórica dessa herança filosófico-científica dualista, divorcista, reducionista do ser. A filosofia bergsoniana reconcilia a ciência, a teoria do conhecimento e a metafísica, sugerindo uma visão alargada, ampla e dinâmica tanto da fenomenologia, quanto da ontologia em face do vivo. Escreve Bergson em “A evolução criadora”:

“... é preciso adotar, em face do vivo, uma atitude especial e examiná-lo com olhos que não são da ciência positiva. A filosofia invade assim o domínio da experiência. Envolve-se com muitas coisas que, até então, não lhe diziam respeito. Ciência, metafísica e teoria do conhecimento ver-se-ão levadas para o mesmo terreno”³².

No que diz respeito ao objeto de conhecimento, isto é, o objeto da consciência humana, as ciências empíricas e físicas, no tempo de Henri Bergson deveria ter um outro método epistêmico de análise. Isto é, a epistemologia, com relação ao universo mental, psíquico, deveria, segundo Débora Morato, superar os dualismos tradicionais entre ciência e metafísica:

“Há, portanto, uma relação íntima entre superação do dualismo na metafísica e crítica do dualismo epistemológico (que diz respeito ao objeto de conhecimento – ou ele é mera representação e nada além disso; ou existe a coisa atrás ou além da representação, cabendo à teoria do conhecimento determinar o modo de apreensão da verdade dessa coisa), relação que explicita o diálogo cheio de inversões com os dualismos tradicionais que atravessa a obra de Bergson”³³.

Essa abordagem de oposição, de uma visão dualista e separatista do sujeito com o objeto de conhecimento é, segundo Débora Morato, na realidade, um falso problema

³² BERGSON, H. A Evolução Criadora. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 216.

³³ PINTO, Débora Cristina Morato. Trans/Form/Ação, São Paulo, 27(1); 70-91, 2004, p. 83.

hermenêutico oriundo da oposição “realismo x idealismo”. Um Falso problema de interpretação e de compreensão da complexidade dinâmica do ser. O ser sempre fora apreendido historicamente sob a perspectiva dualista e oposicionista, seja pela influência da escola platônica, ou, seja pela herança cartesiana de pensamento. Ambas vertentes divorciam completa e opostamente a realidade alma e corpo. E a tradição filosófica moderna herda, de maneira particular, esse pensamento dualista de Descartes que, segundo Bergson, tal oposição entre corpo e alma revela-se como um falso problema. Por isso, a pesquisadora Débora Morato afirma:

“Tal oposição configura, no vocabulário bergsoniano, um falso problema – está entre aqueles que a tendência natural de nossa inteligência se coloca ao seguir suas inclinações apropriadas à apreensão prática do real e aplicá-las sem crítica ao terreno da especulação. Assim, a solução positiva do problema alma/corpo só pode se desenvolver através da superação desse obstáculo – a abordagem em termos realistas e idealistas e sua contraposição insolúvel; o falso problema deve ser então resolvido, dando ensejo à sua boa posição, conforme a famosa descrição do método bergsoniano que nos oferece Deleuze, apontando a primeira regra da intuição como método: denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas”³⁴.

Integralidade física e espiritual na antropologia bergsoniana

A nosso ver, o ser vivo, particularmente o ser humano, para Henri Bergson comporta duas naturezas distintas, porém, coextensiva, integrativa e essencial tanto à vida psíquica quanto à vida biológica do ser humano. Corpo e alma, embora tenham duas naturezas distintas, essas naturezas revelam, ontologicamente, o todo indivisível do ser: alma e corpo, espírito e matéria, interioridade e exterioridade, objetividade e subjetividade, psíquico e fisiológico, individualidade e sociabilidade numa única e indivisível duração. Por isso, a metafísica empirista de Bergson, incorporando o vínculo entre a análise psicológica e a reflexão biológica, qualifica essas duas naturezas distintas corpo/alma como intrínsecas. Dessa forma, Henri Bergson pleiteia uma verdadeira ontologia metafísica, ultrapassando e superando o dualismo científico-filosófico moderno.

³⁴

Ibid. p. 83.

Essa percepção integral da vida humana, física e espiritual, diagnosticada pelos fenômenos – manifestações - da vida psíquica, pela faculdade de conhecimento interior que é a consciência, revela-se, num primeiro momento, um conhecimento fenomenológico. Contudo, a fenomenologia bergsoniana é uma passagem, segundo Débora Cristina Morato Pinto, para que a ontologia bergsoniana possa ser de fato elaborada e articulada epistemologicamente. Os fenômenos do ser – ser humano em questão – quando são apreendidos e analisados na temporalidade e espacialidade científicas, tornam-se um falso problema e, ao mesmo tempo, uma dificuldade para se pensar o ser na perceptiva de duração.

O problema ou o falso problema da psicofísica, no tempo de Henri Bergson, é utilizar o mesmo método e protocolo de análise de conhecimento da matéria bruta, inorgânica e inanimada para com a matéria viva, orgânica, animada e consciente, em particular o sistema nervoso, o cérebro humano e as suas respectivas funções diferentes. A vida em geral, em especial, a vida humana, caracterizada pelo consciente, é movimento imprevisível e livre. O ser vivo escolhe ou se inclina a decidir. A função da vida humana neste Planeta é, segundo Bergson, na Conferência “A consciência e a vida” de criar. Claramente afirma Bergson : “Bref, la matière est inertie, géométrie, nécessité. Mais avec la vie apparaît le mouvement imprévisible et libre. L'être vivant choisit ou tend à choisir. Son rôle est de créer »³⁵.

Para Henri Bergson, o cérebro humano é responsável por controlar os sentimentos e atividades do corpo. Torna-se o principal órgão e centro do sistema nervoso, mas não a causa e a origem dos estados de consciência. O cérebro é apenas um instrumento da alma, como bem definirá Henri Bergson nesta Conferência Huxley, realizada na Universidade de Birmingham, em 29 de maio de 1911. A conferência intitula-se “La conscience et la vie”. Nesta conferência Henri Bergson afirmará que “a matéria é necessidade, mas a consciência é liberdade”³⁶. No ser humano a capacidade de criação é inscrita no mais profundo da natureza humana, potencializando a vida humana, por meio da sua consciência, a sua máxima superação mental. Segundo Henri Bergson, os seres humanos, diferente dos animais irracionais, a complexidade cerebral do homem deve ser levada em consideração, já que a atividade mental, a vida psíquica humana

³⁵ BERGSON, H. La Conscience et la Vie. Conférence Huxley, faite à l'Université de Birmingham le 29 mai 1911. L'Énergie Spirituelle. Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949, p. 12-13.

³⁶ Ibid. p. 13.

transborda toda a atividade cerebral. No texto em francês encontramos essa afirmação: “l’activité mentale de l’homme déborde son activité cérébrale”³⁷.

Numa outra conferência realizada no dia 28 de abril de 1912, intitulada “L’âme et le corps”, Bergson reafirma que a atividade mental escapa as análises psicofísicas e também das ciências positivistas. Estas ciências da alma – psicologia no tempo de Bergson – têm inclinações reducionistas, pois são oriundas do realismo e idealismo científico da época. Eis o que afirma Bergson na Conferência « A alma e o corpo » : “Je vous dirai donc qu’un examen attentif de la vie de l’esprit et de son accompagnement physiologique m’amène à croire que le sens commun a raison, et qu’il y a infiniment plus, dans la conscience humaine, que dans le cerveau correspondant. Voici, en gros, la conclusion où j’arrive »³⁸.

Contudo, em 1896, na obra “Matéria e Memória”, Henri Bergson, principalmente o segundo e terceiro capítulo desta obra, desenvolve com mais precisão o problema dual entre corpo e alma. Comparado as Conferências citadas, a obra “Matéria e Memória” desenvolve com mais rigor conceitual a hipótese de o cérebro humano ser apreendido pelos cientistas da época, como o ponto de inserção do espírito humano na matéria. O cérebro humano é um órgão de atenção à vida. Todas essas afirmações de Bergson sobre a distinção de natureza das funções cerebrais e das atividades mentais no ser humano, conduze-nos, então, a entrever uma metafísica do espírito. Metafísica bergsoniana onde provavelmente a vida humana ultrapassa a materialidade de sua espécie.

A vida consciente ultrapassa a materialidade da espécie humana

Interessante notarmos, onze anos depois da publicação de “Matéria e Memória” - segunda grande obra bergsoniana -, Bergson publica o seu terceiro livro, intitulado “Evolução Criadora”, em 1907. Nesta obra, o filósofo da duração e da consciência irá, até mesmo além, remarcamos insistentemente, da concepção científica de sua época. Bergson pleiteia uma visão ontológica abrangente da vida humana. Vida humana capaz de transcender não apenas a materialidade e os obstáculos advindos da matéria.

³⁷ Ibid. p. 27.

³⁸ BERGSON, H. Conférence faite à Foi et Vie, le 28 avril 1912. L’Énergie Spirituelle. Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949, p. 42.

Nesta terceira grande obra, “A Evolução Criadora”, o filósofo da evolução, além de trazer à tona a discussão sobre a existência de Deus³⁹, no debate científico da época, nos sugere, mesmo em probabilidade de raciocínio, que a vida humana possa ir além da finitude existencial - tempo e espaço. Isto é, a vida humana, mesmo tendo origem no élan vital, fonte de vida para todos os seres vivos deste Planeta, no homem a vida consciente e livre é “capaz de vencer todas as resistências e de atravessar todos os obstáculos, talvez até a morte”⁴⁰.

Essa ontologia bergsoniana aberta e inclinada a uma metafísica, um além – au-delà -da vida da espécie humana, nos fornecerá fundamentos conceituais para elaborarmos uma onto-dom-logia bergsoniana do amor e do respeito. Sublinhamos, por hora, que o Bergson de 1911, em sua Conferência sobre “A consciência e a vida” já concebia o amor como um dos instintos natos da vida humana. E, 21 anos antes do surgimento da obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, Bergson enfatiza, nesta Conferência, o amor como um dos grandes motores da atividade humana.

Amor e, concomitantemente, a ambição, são dois instintos humanos, potencialmente criadores e transformadores, de toda a ação do homem no mundo: “... enfin les deux instincts qui apparaissent avec la vie et qui seront plus tard les deux grands moteurs de l’activité humaine: l’amour et l’ambition”⁴¹. Nesta metafísica do espírito, proposta por Henri Bergson, já entrevemos todo o fundamento de sua ontologia. Porém, a ontologia de Bergson se transmuta em ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito apenas com o surgimento da última obra.

³⁹ Bergson, pela primeira vez, na obra “Evolução Criadora” menciona a possibilidade de pensar filosoficamente a existência de Deus. Deus é a origem de todos os élan vitais. Os élan vitais são esgotáveis. Deus é, por natureza, inesgotável, segundo os estudiosos bergsonianos Maurcie Schumann, Henri Gouhier e Jankélévitch. No decorrer desta pesquisa abordaremos essa questão de Deus e dos élan vitais, bem como a tese bergsoniana da imortalidade da alma no conjunto das obras de Henri Bergson.

⁴⁰ BERGSON, H. A Evolução Criadora. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo : Ed. UNESP, 2010, p. 295.

⁴¹ BERGSON, H. La Conscience et la Vie. Conférence Huxley, faite à l’Université de Birmingham le 29 mai 1911. L’Énergie Spirituelle. Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949, p. 21.

Considerações finais

A ontologia bergsoniana tece, a nosso ver, uma crítica reflexiva à oposição realismo x idealismo tão impregnados nas ciências biológicas e psicológicas do início do século XX. Interessante ressaltarmos, no que diz respeito aos dualismos, com esta crítica de Henri Bergson ao realismo e ao idealismo, como pano de fundo, em suas quatro grandes obras, compreenderemos os dualismos de aberto e fechado no conjunto da obra de Bergson.

Esses dualismos aparecem na primeira obra “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” pela definição do Eu superficial e do Eu profundo. Em “Matéria e Memória” Bergson tratará da questão da memória e, em especial, do problema das relações entre corpo e espírito. Na “Evolução Criadora” o filósofo francês desenvolve a ideia de uma criação permanentemente de novidade pela natureza, em especial com o surgimento da espécie humana das raras personalidades humanas. E em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”

Henri Bergson refletindo sobre a moral, é levado a discutir as abordagens sociológicas do seu tempo. Dialoga particularmente com Emile Durkheim, no primeiro capítulo sobre a “A obrigação moral” e com Lucien Lévy-Bruhl⁴², no segundo capítulo “A Religião Estática”, como veremos adiante. A discussão sociológica abrindo “As Duas Fontes da Moral e da Religião” conduzirá Bergson a dar ênfase sobre o conceito de obrigação moral como cerne das relações interpessoais.

Nesse contexto de reflexão, Bergson retoma os dualismos sob a forma do Eu individual e do Eu social, da sociedade fechada e sociedade aberta, da moral estática e dinâmica, de inteligência infra e supra, da alma fechada e aberta. Por hora, assinalamos que desde o “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, perpassando “Matéria e Memória” e “A Evolução Criadora”, até a última obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, os dualismos bergsonianos manifestam a complexidade e a riqueza do ser

⁴² No segundo capítulo de “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, intitulado “A Religião Estática” Henri Bergson abre a discussão sobre a mentalidade primitiva e a evolução da inteligência humana referindo-se as obras notáveis de Lévy-Bruhl: “A isso parece ter-se adstrito Lévy-Bruhl em suas obras notáveis, sobretudo nas últimas... Queira ou não, o leitor dos belos livros de Lévy-Bruhl irá tirar deles a conclusão de que a inteligência humana evolui; a lógica natural não teria sido sempre a mesma; a ‘mentalidade primitiva’ corresponderia a uma estrutura fundamentalmente diferente, e que a nossa teria suplantado e que só se encontra hoje nos povos retardatários”. BERGSON, H. As Duas Fontes da Moral e da Religião. Zahar Editores. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, 1978, p. 86.

humano em sua totalidade: individual e social, psicológica e fisiológica, instintiva e intelectual, corporal e espiritual.

No homem, segundo Henri Bergson em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, o dualismo entre individual e social “implica, na origem, um estado de coisas em que o individual e o social não se distinguem um do outro. Eis por que podemos dizer que a atitude à qual ela corresponde é a de um indivíduo e de uma sociedade voltada para si mesmos. Individual e social simultaneamente, a alma aqui gira num círculo. Ela é fechada”⁴³. Os seres humanos, em particular, diferentemente dos seres não racionais, manifestam a dinâmica entre corporal e material, imanente e transcendente, físico e espiritual.

E essa dinâmica dual do ser inteligível revela-se progressivamente fechada e aberta. É um progresso dinâmico entre abertura e fechamento e vice e versa. Os dualismos bergsonianos inscrevem-se, igualmente, na moral e na religião. No campo específico da moral, Henri Bergson denomina de moral comum, onde percebemos esse processo dualista de fechamento e de abertura, de conservação e de transgressão, de progresso e de retrocesso. Eis o que diz Henri Bergson em sua última obra:

“De um lado o fechado, do outro o aberto. A moral comum não está abolida, mas apresenta-se como um momento no curso de um progresso. Não renunciamos ao antigo método, mas o integramos num método mais geral, como acontece quando o dinâmico absorve em si o estático, convertido em caso particular. Seria necessário então, com todo o vigor, uma expressão direta do movimento e da tendência; mas se quisermos ainda – e bem que é preciso – traduzi-los na língua do estático e do imóvel”⁴⁴.

Para ilustrar em imagem, poderíamos dizer que os dualismos bergsonianos são como as duas faces da mesma moeda. Fazem um todo na complexidade do ser. Complexidade una e indivisível, porém dinâmica, em sua filosofia. A mesma estrutura dualista para analisar o fenômeno da moral em “As Duas fontes da Moral e da Religião”, Bergson o fez anteriormente, na primeira obra “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, ao analisar a vida psíquica do ser humano, via a reflexão sobre a liberdade, diagnosticando no Eu fundamental a coexistência de dois ‘Eus’: o Eu superficial e o Eu

⁴³ BERGSON, H. As Duas Fontes da Moral e da Religião. Zahar Editores. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, 1978, p. 31-32.

⁴⁴ Ibid. p. 49.

profundo. E esse dualismo do Eu culminará na dinâmica do fechado e do aberto da alma humana em “As Duas Fontes da Moral e da Religião”.

Já no primeiro capítulo de “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, intitulado “A obrigação moral”, a alma humana, segundo Henri Bergson, tanto fechada, quanto aberta, depara-se com a perspectiva do amor, via religião ou mística. Depara-se, igualmente, ao respeito, via razão, pela humanidade inteira, manifestando, em consequência, a eminente dignidade do ser humano. Adverte-nos Henri Bergson: “Aos parentes e concidadãos vamos diretamente, e a esta só chegamos por um desvio; porque é somente por intermédio de Deus, em Deus, que a religião concita o homem a amar o gênero humano; como também somente por intermédio da Razão, na Razão por onde todos comungamos, que os filósofos fazem contemplar a humanidade para nos mostrar a eminente dignidade da pessoa, o direito de todos ao respeito”⁴⁵.

Entre o fechado e o aberto, tanto na inteligência, no que concerne ao direito de respeitar, quanto na mística, em relação ao amor pela humanidade, o ser humano é convidado a saltar, a superar a si mesmo, a ressignificar a sua vida exterior e a vida interior. Via razão e via mística, duas naturezas distintas, o salto entre o fechado e o aberto instaura-se como necessidade para ressignificar o conceito de obrigação moral e de pressão social. O mesmo ocorrerá com a ontologia bergsoniana e a ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito que propomos clarificar. É necessária uma passagem, uma ruptura não apenas de conceito, mas de método epistemológico para distinguir as diferenças de natureza entre o amor e o respeito no registro fechado para o registro aberto dessas noções. Vejamos o que diz Bergson no início de “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, quando o filósofo analisa a obrigação moral do amor e do respeito:

“Nem num caso nem noutro chegamos à humanidade por fases, passando pela família e pela nação. É preciso que, de um salto, sejamos transportados mais além dela e que a tenhamos atingido sem a ter tomado por fim, ultrapassando-a. Que se fale, aliás, a língua da religião ou da filosofia, trata-se de amor ou de respeito, é outra moral, é outro gênero de obrigação, que vêm se superpor à pressão social... Chegou o momento de passar à outra”⁴⁶.

⁴⁵ Ibid. p. 27-28.

⁴⁶ Ibid. p. 28.

Para que o ser humano consiga dar esse salto, segundo Henri Bergson, se faz necessário ter um método. E perceberemos a desenvoltura desse esquema metodológico, cuja ‘onto-dom-logia’ bergsoniana do amor e do respeito se embevecera, ao analisarmos filosoficamente a dinâmica dual inscrita pela vida exterior à vida interior do ser humano; da superficialidade do Eu à sua interioridade mais profunda; da sociabilidade inconsciente – obrigação moral- à personalidade original – liberdade e criação individual.

Ressaltamos que a dinamicidade do fechado e do aberto da obrigação moral é igualmente presente na biologia humana, cuja natureza da obrigação moral na vida humana encontra o seu fundamento. A obrigação moral não é, para Henri Bergson, apenas uma consequência social, como preconiza Durkheim, e, muito menos, intelectual ou lógica como pensou Kant. A Obrigação moral é, antes de tudo, de ordem biológica, inscrevendo-se naturalmente tanto na esfera psicológica – indivíduo-, quanto no ambiente social – sociedade e religião.

Na clássica passagem de “As Duas Fontes da Moral e da Religião” encontramos essa conclusão de Bergson: “Numa palavra, para resumir tudo o que precede, diremos que a natureza, criando a espécie humana no transcurso da evolução, quis que ela fosse sociável, como assim quis as sociedades de formigas e de abelhas...”⁴⁷. A obrigação moral é, num primeiro momento para Bergson, biológica, naturalmente imposta à vida humana. A natureza – biologia - determinando a vida social humana em prol de sua coesão e em vista de sua própria sobrevivência.

A natureza da obrigação moral inscreve-se num registro fechado, como afirmará Bergson: “O resultado dessa observação é claro: é para sociedades simples e fechadas que é feita a estrutura moral, original e fundamental do homem”⁴⁸. Se nos determos nessa perspectiva bergsoniana de uma obrigação moral determinada biologicamente, isto é, imposta naturalmente ao convívio social, a nossa tese de uma ‘onto-dom-logia’ do amor e do respeito pela humanidade não se sustentaria. Pois, a obrigação do amor e do respeito, como postulado no decorrer dessa pesquisa doutoral, deverá se inscrever na dinâmica do aberto, da obrigação não imposta.

⁴⁷ Ibid. p. 46.

⁴⁸ Ibid.

Na 'onto-dom-logia' bergsoniana do amor e do respeito a obrigação moral tem a sua fonte no exercício pleno da liberdade humana. Liberdade revelada como atitude de espírito deliberadamente livre pelo sujeito social. Perceber a transição dessa passagem do fechado ao aberto, da ruptura de natureza de uma moral fechada e estática, à moral aberta e dinâmica requer um alargamento do espírito. Talvez, e, por esta razão, precisamos, por uma necessidade filosófica, analisar, em pormenores, como o alargamento da moral e, conseqüentemente, de ruptura, não apenas em grau, mas em natureza, da moral do amor e do respeito pela humanidade se desenvolve no conjunto do pensamento bergsoniano.

A dinâmica do fechado e do aberto, do estático e do dinâmico não é apenas uma reflexão analítica em psicologia moral, mas também um esforço filosófico de compreender o amor e o respeito não apenas no sentido epistêmico, mas ético e antropológico. Se o intuito de Henri Bergson era de dialogar com os saberes em torno da vida psíquica, estabelecendo uma relação intra- dialógica com as ciências da alma, da psique, a consequência desse diálogo e dessa articulação abrangente e integrativa dos saberes, a nosso ver, constituiria de fato, o que denominamos pela nomenclatura bergsoniana de uma plausível metafísica empirista. E, postulamos, segundo a nossa intuição, uma 'onto-dom-logia' do amor e do respeito, levando em conta os dualismos do fechado e do aberto, do estático e do dinâmico tanto dos fenômenos naturais, quanto dos fenômenos espirituais. E essa filosofia integral, tal como almejada por uma 'onto-dom-logia' do amor e do respeito ocuparia, a nosso ver, um lugar privilegiado nesta inusitada metafísica empirista.

REFERÊNCIAS

Bibliografia simplificada

De Henri Bergson

BERGSON, Henri. *Mélanges*. Presses Universitaires de France, 1972. La Politesse.

_____. *Deux Sources de la morale et de la religion*. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms. Quadrige/Puf, 2008.

_____. *La pensée et le mouvant*. Le choc Bergson. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms, Quadrige/PUF, 2009.

_____. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. (1^o Ed. Critique), Paris, Puf, 2011.

_____. *L'Énergie Spirituelle*, Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949.

_____. *Le rire*. Le choc Bergson. La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms. QUADRIGE / PUF, 2010.

_____. *Durée et simultanéité*. QUADRIGE / Presses Universitaires de France, 1988.

_____. *L'évolution créatrice*. QUADRIGE/ PUF, 2003.

_____. *Matière et Mémoire*. QUADRIGE / PUF, 2003.

Comentadores e fontes desta pesquisa:

BOUANICHE, Arnaud. *Lire l'Essai à la lumière de l'acte libre*. Lire Bergson. Sous la direction de Frédéric WORMS et Camille RIQUIER. Quadrige/Puf. 2011.

FENEUIL, A. *Bergson Mystique et philosophie*. Presses Universitaires de France, 1^o édition, Paris, Puf, 2011.

GOUHIER, H. *Bergson et le Christ des Évangiles*. Henri GOUHIER. Librairie Arthème Fayard, 1961.

JANKÉLÉVITCH, V. *BERGSON*. Les Grands Philosophes, Paris, Librairie Félix Alcan, 1931.

MADELEINE BARTHELEMY-MADAULE. *Bergson et Teilhard de Chardin*. Éditions Du Seuil, 1963.

MAIRE, Gilbert. *BERGSON mon maître*. Editions Bernard GRASSET, Paris, 1935.

PINTO, D.C.M (2004). *Bergson e os dualismos*. Trans/Form/Ação, São Paulo, 27(1); 79-91.

RIQUIER, C. *Le problème de la volonté ou Bergson en chemin vers Les Deux Sources* ». De Camille Riquier, na obra : Bergson et la religion, Paris, Puf, 2008.

WATERLOT, G. « *L'ellipse : une difficulté majeure du troisième chapitre des Deux Sources de la morale et de la religion* ». Lire Bergson, Presses Universitaires de France, 2011.

_____. *Penser avec et dans le prolongement des Deux Sources de la morale et de la religion. Bergson et la religion*. Nouvelles perspectives sur Les Deux Sources de la morale et de la religion. Presses Universitaires de France, 2008.

WORMS, Frédéric. « *Le clos et l'ouvert dans Les Deux Sources de la morale et de la religion : une distinction qui change tout* ». Bergson et la religion. Nouvelles

perspectives sur Les Deux Sources de la morale et de la religion. Sous la direction de Ghislain Waterlot. Presses Universitaires de France, Puf, 2008.

_____. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. Tradução Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo, EDITORA UNIFESP, 2010.

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2022

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424